

# A paisagem linguística como fonte de pesquisa em políticas linguísticas – mirar o olhar

Christiane da Silva Dias\* 

## Introdução – impressões sobre Timor-Leste

Até o ano de 2015, um programa de cooperação educacional entre Brasil e Timor-Leste, administrado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela Universidade Federal de Santa Catarina e pelo Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores, selecionava docentes naturais do Brasil para um período de estágio nesse pequeno país do sudeste asiático<sup>1</sup>. Antes do embarque para uma viagem de cerca de 16 mil quilômetros – que atravessa os oceanos Atlântico e Índico e os continentes africano e europeu<sup>2</sup> e que em alguns casos pode consumir mais de quarenta horas entre voos e paradas em aeroportos – a impressão mais comum dos e das cooperantes do Brasil, reforçada institucionalmente, é a de que encontraríamos no final desse caminho um local cuja identidade não nos seria tão desconhecida, pois sabíamos que Timor-Leste é um “país de língua portuguesa” ou “uma nação lusófona”.

Ao aterrissar no aeroporto da maior cidade do país que divide uma ilha com uma província da Indonésia, ainda sob o efeito da mudança no fuso horário e um calor tropical intenso e seco, a impressão da partida é confrontada com um visível cenário linguístico dos mais diversos, assim como relatou com precisão um linguista brasileiro sobre sua chegada a Díli:

Ao chegar ao aeroporto em Díli, Timor-Leste, as placas de propaganda indiciam uma complexa situação linguística: o anúncio de uma instituição financeira indonésia, o banco Mandiri, está em indonésio; curiosamente a propaganda do banco Australian and New Zealand (ANZ) está em português, a língua oficial; o de uma organização não governamental (ONG) norte-americana, Buy Local, que atua no país, está em inglês, com a tradução para a língua co-oficial, o tétum. (CARNEIRO, 2010, p. 1).

A vivência pessoal e profissional em Díli me apresentou durante um ano, quase que diariamente, situações como esta; quando busquei pensar sobre as relações entre políticas linguísticas, práticas linguísticas e sociedade(s). Mais especificamente, as estratégias multi e translinguísticas<sup>3</sup> materializadas no discurso verbal e também na paisagem linguística da cidade e o confronto destas com a política

\* Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Professora Adjunta da Sichuan University of Science and Engineering (SUSE), Zigong, Sichuan, China. *E-mail*: christianedias@suse.edu.cn

<sup>1</sup> Disponível em: <https://pqlp.ufsc.br/>

<sup>2</sup> Trajeto feito por mim (Florianópolis-São Paulo-Barcelona-Singapura-Díli), existem ainda voos que passam por Chile e Austrália.

<sup>3</sup> O conceito de translinguagem é discutido por Ofelia García (2009), entre outros. As práticas translingues consistem, *grosso modo*, na mobilização de várias línguas para a construção do sentido e da inteligibilidade em um mesmo discurso.

linguística nacional, institucional. O que este artigo propõe é apresentar e contextualizar esse cenário a partir de uma fonte simultaneamente visual e textual, fotografada por mim em Dili (apresentada na Figura 1), considerada como ponto de partida para a produção do conhecimento aqui sugerida. A discussão que trata de compreender a(s) política(s) linguísticas em países multilíngues se faz em uma necessária abordagem interdisciplinar. Sobre esse diálogo da linguística com outras áreas, Moita Lopes (2006) propõe ainda o termo *indisciplinar*.

Primeiramente, é necessário contextualizar o país. O território onde está atualmente a República de Timor-Leste, segundo situa a antropóloga brasileira Kelly Cristiane da Silva (2012), integra uma “moderada rede ancestral de comércio transnacional, onde transitam até hoje chineses, javaneses, árabes, indianos, além do povo austronésio e papua”. Nesse sentido, para a antropologia, Timor-Leste integra a Indonésia Oriental, devido ao compartilhamento por parte das populações dessa área de certos padrões culturais. Sociolinguisticamente, a região é considerada “uma das mais multilíngues do mundo, que vai de Vanuatu e Ilhas Salomão até a Indonésia, passando pela Papua Nova Guiné” (MELLO, 2005).

## Paisagem e políticas linguísticas

Partindo de um conceito clássico (CALVET, 2007), políticas linguísticas se referem à relação entre as tomadas de decisão sobre o uso e o *status* de língua(s) em um determinado espaço e como isso ocorre na sociedade. Pode-se acrescentar a este antigo conceito que as políticas linguísticas também se desenrolam durante a prática de quem faz as línguas, seus falantes. Ou seja, somos pessoas que fazem política linguística. Por isso, inscrevo este artigo no que contemporaneamente se entende como uma abordagem crítica das políticas linguísticas, na qual a língua é tomada como uma invenção (MAKONI; PENNYCOOK, 2012) e se busca uma abordagem discursiva das línguas, em contraposição a uma metalinguagem categorizante e normativa, pois compreende língua como evento único (BAKHTIN, 1993). Além disso, uma pesquisa engajada em uma crítica às políticas linguísticas questiona o regime de verdade (FOUCAULT, 1987) sobre as línguas, ou seja, se ocupa também de conceber o conhecimento e as decisões políticas sobre as línguas como resultados de relações de poder.

Podem-se perceber as políticas linguísticas por meio de várias fontes: pela leitura das leis que nomeiam uma língua como oficial ou como língua da educação; quando se presta atenção aos diálogos entre falantes; e na presença de línguas no ambiente no qual nos encontramos. O termo “paisagem linguística” diz respeito a todos os sinais linguísticos presentes no espaço público, ou seja, que constituem linguisticamente o nosso cotidiano.

A língua dos sinais das ruas públicas, placas de propaganda, nomes de rua, nomes de locais, sinais de lojas comerciais e sinais públicos em prédios governamentais se combinam para formar a paisagem linguística de um determinado território, região ou aglomeração urbana. (LANDRY; BOURHIS, 1997, p. 25).

Quando se entende política linguística como planejamento, deve-se ater ao fato de que somente nas práticas linguísticas esse planejamento pode ou não ser concretizado. Calvet observou que na

paisagem linguística estão expressas que tipos de relações que a própria sociedade que faz a(s) língua(s) pretende manter ou abrir mão.

[...] as placas indicando o nome das ruas, os sinais de trânsito, as placas dos carros, os cartazes publicitários, os programas de rádio ou televisão [...] E essa marcação de território, seja produto de práticas espontâneas ou de práticas planejadas, nos fornece um instrumento de leitura semiológica da sociedade: entre as línguas em contato há aquelas que são expostas e outras que dificilmente se fazem notar; e isso está vinculado a seu peso sociolinguístico e a seu futuro. (CALVET, 2007, p. 72).

Antecipando o que a fonte proposta neste artigo pode nos revelar sobre a paisagem e a política linguística timorense, Macalister, que também escreveu sobre a paisagem linguística em Díli, concluiu que:

Em alguns domínios da vida humana, ocorre uma lacuna entre o que é pretendido e o que é alcançado. A política linguística é um desses domínios, já que, enquanto as políticas linguísticas são expressões de resultados pretendidos, as práticas linguísticas nem sempre refletem essas intenções. (MACALISTER, 2012, p. 25).

**Figura 1** - Caixa de gorjetas em um restaurante em Díli.



**Fonte:** elaborada pela autora (2023).

## Uma caixa de gorjetas pode ser uma fonte?

A caixa de gorjetas não é assunto frequente em trabalhos científicos. Por exemplo, no Catálogo de Dissertações e Teses da Capes<sup>4</sup> inexistiu registro de pesquisa com a palavra “gorjeta”. Ao fazer uma procura no acesso livre da página de Periódicos da Capes<sup>5</sup>, colocando “caixa de gorjeta” na linha de busca por assunto, não há artigo que discorra social e historicamente sobre um artefato que parece que todo mundo conhece. Dentre 14 resultados para a palavra “gorjeta”, um artigo se refere a essa prática como “pequena gratificação em dinheiro a quem prestou algum serviço” (HOUAISS; VILLAR, 2009) – o que contém a caixa deste artigo – e nele discute-se a lei que regulamenta seu pagamento. Nos outros artigos, a palavra aparece em algum diálogo transcrito ou sem importância direta com o que o artigo se propõe. Com “caixa de gorjeta” os dois resultados são irrelevantes. Em populares páginas de busca da internet, dispersas em vários textos, encontram-se informações que remontam a origem da caixinha a uma prática nos *pubs* londrinos e relacionam a existência dessas a um hábito cultural.

Por que transformar uma imagem que mostra algo aparentemente ordinário em uma fonte de produção de conhecimento? Esta caixa é especial? O que pode ser considerado especial quando se pensa e tenta explicar alguma questão? Há algo que não mereça gerar interesse como fonte para a produção do conhecimento?

Conceber conhecimento a partir da análise de artefatos e imagens de uma forma geral é destaque em pesquisas em vários campos das Ciências Sociais, como arqueologia, antropologia e história, por exemplo. Na linguística, buscamos apreender por meio da materialização do discurso, seja oral, sinalizado ou impresso, as idiosincrasias das línguas. Partir do que é considerado acidental para pensar a produção do conhecimento é inspirar-se em uma na abordagem micro-histórica dos fenômenos, já que, segundo Revel (1998, p. 20), “a escolha de uma escala particular de observação produz efeitos de conhecimento, e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimento”. Hodder (2012, p. 8) propõe um novo olhar para as coisas, menos egocentrado, mas atento ao que as coisas dizem, tendo em vista que as coisas ou os objetos/artefatos não podem se fazer isoladamente, possuem vitalidade e temporalidade. “[...] as coisas não são isoladas. As suas conexões, e seus fluxos para outras formas, é que definem sua *coisidade*” (tradução nossa). A partir destas conexões é possível um debate epistemológico sobre os processos sociais que constituem as coisas como fontes legítimas para o conhecimento científico.

Nada disso, no entanto, ainda era claro para mim antes de resolver tirar a foto, já na véspera do embarque de volta para o Brasil, após um ano de estágio em Timor-Leste. Somente após articular todas as informações que recebia diariamente nas ruas e na conversa entre as pessoas é que pude perceber como naquela caixa e naquele bilhete estava uma possibilidade de apreender algo sobre a realidade sociolinguística timorense. Nesse sentido, a busca aqui, como propôs Jacques Revel (1998, p. 11), foi “articular de maneira rigorosa a relação entre a experiência singular e ação coletiva”.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez78.periodicos.capes.gov.br/>

## Análise

Metodologicamente, a análise de uma fonte (visual e textual) como essa precisará tratar de suas conexões, desnaturalizar o olhar para o que parece banal e atentar para o que mostra e o que não mostra a imagem. Em estudo histórico, Meneses (2003, p. 148), considera que:

Trabalhar historicamente com imagens obriga a percorrer o ciclo completo de sua produção, circulação, consumo e ação. [...] não é possível continuar privilegiando o estudo da imagem em si, distinta de sua biografia, sua carreira, sua trajetória.

Em relação ao trato textual, uma possibilidade de análise histórica dessa fonte, também desde Meneses, é a de uma leitura não somente a partir do que o pequeno texto da caixa apresenta, mas enxergar no que está escrito a própria sociedade que circula no espaço onde está localizado o material registrado na foto.

### *O método*

Neste artigo, busco tratar essa fonte por meio de uma interpretação iconológica (PANOFSKY, 1998), que investiga a gênese e o significado das imagens e busca uma “correlação entre os conceitos inteligíveis e a forma visível que (*a imagem*) assume em cada caso específico” (PIFANO, 2010, p. 8). A análise é feita em três momentos, ou níveis. O primeiro, da significação primária, é uma análise pré-iconográfica do que vejo. No segundo nível, busco reconhecer nessa iconografia significados convencionais motivados pelo contexto do objeto de análise. Por fim, no terceiro nível, faço a interpretação do que vi, a partir do que Panofsky chama de “a soma total dos processos históricos”.

### *A análise em primeiro nível (significação primária)*

A fonte a partir da qual proponho o debate deste artigo é uma fotografia que não possui apelo turístico ou uma proposta de apuro estético inovadora. Não parece também ser um registro jornalístico ou pessoal. A fotografia foi tirada na esplanada do restaurante do Hotel Novo Horizonte, que fica em Díli, precisamente na Rua do Cristo Rei. O restaurante é frequentado por pessoas que participam de comemorações, reuniões, encontros familiares e discussões políticas. O hotel que o abriga é um dos principais locais indicados como alternativa de hospedagem aos cooperantes do Brasil no início de sua estadia em Timor-Leste. Muitos hóspedes do hotel, cooperantes inclusive, optam por não mudar para uma casa durante o período que precisam permanecer na ilha e prolongam sua estadia por mais de um ano. No cardápio do restaurante, destacam-se os pratos da culinária portuguesa. O proprietário é um dos últimos timorenses retornados quando da conclusão do processo de reconquista da independência de Timor-Leste, em 2002, ano em que entrou em vigor a Constituição do país.

No centro da foto está uma aparente pequena caixa de gorjetas vermelha, de metal, com um pequeno orifício retangular centralizado no lado de cima (para a colocação de notas e moedas). Além

disso, há colado na parte da caixa que fica de frente para os clientes que vão ao balcão um recado impresso em preto sobre uma folha de papel ofício branca (sobre o texto deste recado falarei a seguir). A caixa está colocada levemente curvada, em cima de um balcão de madeira de um restaurante, na frente de uma cesta com vários porta-copos de papelão. Atrás do balcão, vê-se uma geladeira comercial com latas de cerveja e refrigerantes, provavelmente para consumo dos clientes, e maços de cigarro expostos em uma prateleira. Consegue-se observar que nos maços de cigarros há advertências sobre os danos do consumo destes produtos.

Mas o que mais concentra a atenção na foto, porém, é o pequeno texto (“Tips Ba Meninas sira :) Obrigada...”). A partir dele, colocam-se algumas perguntas: Que língua é essa? São palavras de várias línguas? O que significam essas palavras? Quem escreveu este bilhete?

### *Análise em segundo nível (significação secundária)*

A caixa de gorjetas em si é uma maneira de pessoas que estão empregadas em algum estabelecimento conseguirem obter, por meio de algum dinheiro, mais reconhecimento por seu trabalho. Em um país onde o salário mínimo na época era de US\$ 115, questiona-se se este montante era capaz de prover as necessidades de uma família timorense. Recorrer às gorjetas significaria então um aumento na receita destas pessoas. Além disso, por conta das redes de informação que ocorrem entre a população de Timor-Leste, sabe-se que pessoas de outros países a trabalho em Díli têm rendas muito acima do salário mínimo nacional.

Para responder às perguntas sobre o texto, partimos, inicialmente, da análise de cada uma das palavras que o compõem e seus significados primários, conforme destaque no quadro abaixo:

**Quadro 1** - Análise isolada das palavras.

<i>Tips</i>	Em inglês, “ <i>tip</i> ” refere-se a uma pequena quantia de dinheiro extra dado, por exemplo, a quem serve em um restaurante (tradução nossa, consultado em Oxford Advanced Learner’s Dictionary).
<i>Ba</i>	Em tétum – considerada a língua franca timorense – “ <i>ba</i> ” possui, entre suas quatro acepções, significados como “ir para, dirigir-se a” e “para, a” (COSTA, 2000).
Meninas	Em português, o plural de menina.
<i>Sira</i>	Em tétum, “ <i>sira</i> ” é o pronome “eles” e “elas” (COSTA, 2000), mas depois de um substantivo indica o plural e não se traduz.
:)	Intuitivamente, traduzo esse sinal gráfico como um sorriso, um sinal de simpatia, muito utilizado em mensagens virtuais.
Obrigada	Palavra da língua portuguesa, que expressa agradecimento quando emitida por alguém do gênero feminino. Em tétum, essa palavra ainda não é dicionarizada, mas também é utilizada como agradecimento, indistintamente por homens e mulheres.
...	Em um texto, os três pontos (reticências) no final de uma oração exprimem uma ideia ainda não concluída, que pode ter um final ainda a ser realizado.

**Fonte:** elaborado pela autora (2023).

O que o Quadro 1 nos apresenta é, em suma, um ajuntamento de palavras de pelo menos três línguas (inglês, tétum e português) para, no entanto, dizer uma coisa só, que aquela caixa é para o depósito de gorjetas para as meninas que provavelmente formam a maioria de trabalhadoras daquele estabelecimento, provavelmente as mesmas que elaboraram o texto estampado na caixa. E, caso alguém deposite uma quantia, receberá o agradecimento dessas funcionárias. Mas por que o texto não está em uma só língua? O que motivou os ou as autoras deste texto e colar na caixa um recado que misture as palavras de três línguas?

A partir de entrevistas realizadas para a dissertação que defendi em 2015 a respeito da política linguística em Timor-Leste (DIAS, 2015), encontram-se algumas pistas. Quando perguntados sobre quais línguas são mobilizadas para suas práticas linguísticas, estudantes timorenses explicaram a dinâmica da sociedade local. Lembro que a nação de Timor-Leste, a despeito de uma história regional milenar, foi profundamente construída a partir da colonização portuguesa. Por 24 anos, no entanto, entre 1975 e 1999, com a saída dos portugueses, o território foi considerado uma província da Indonésia (Timor Timur). Já entre 1999 e 2002, a Organização das Nações Unidas assumiu a administração de Timor, até a declaração da independência.

Utiliza língua mistura, maior parte utiliza a língua malaio e explica como a língua tétum, porque língua tétum é segunda língua oficial do Timor-Leste depois de língua portuguesa. Escrevemos a língua portuguesa, depois explica como língua malaio ou língua tétum para os alunos é melhor compreender. (Jerito, nome ficcional de um estudante timorense em Díli).

Com família sempre tétum, todo dia sempre fala tétum, às vezes mistura inglês. [...] Meu pai fala bem português, mas ela nunca aplica, quando aplica quando coisas que é importante ela quer falar com nós. (Santina, nome ficcional de uma estudante timorense em intercâmbio no Brasil).

A Constituição citada pelo estudante Jerito é um documento sintomático quando se trata de analisar as línguas que constituem as práticas no território. Em seu artigo 13 (TIMOR-LESTE, 2002, art. 13º), que trata das línguas oficiais e línguas nacionais, o tétum e o português são declarados línguas oficiais; enquanto no artigo 159, que trata das línguas de trabalho “em uso na administração pública a par das línguas oficiais”, são consideradas a língua indonésia e a inglesa. O que nos leva a buscar a resposta à questão “Que língua é essa?”, colocada anteriormente, no questionamento do que é propriamente uma língua.

Ao falarem sobre os países africanos, Sinfre Makoni e Ulrik Meinhof observam que a nomeação de línguas e povos é resultado das interferências dos países colonialistas na região. Por isso, língua, em África, é um conceito inventado e não corresponde à realidade histórica do continente. “Uma língua é uma invenção, uma construção [...] uma capacidade para a linguagem é natural aos humanos, mas as línguas são um produto de intervenções sociais e históricas”. (MAKONI; MEINHOF, 2006, p. 193). Em Timor-Leste, a escolha das línguas oficiais foi um processo externo, como lembra Silva: “Em 1998, a Carta Magna da Primeira Convenção Nacional de Timorenses na Diáspora, ocorrida em Portugal, afirmava que a língua portuguesa seria o idioma oficial do país” (SILVA, 2012, p. 338). Por causa disso, houve,

segundo Carneiro (2014, p. 112), uma (re)construção da língua portuguesa como língua legítima em Timor-Leste, ao lado de uma construção de acordos de cooperação com Portugal e Brasil que acabaram contribuindo para “a inserção desse repertório linguístico nas práticas sociais cotidianas do país”.

### *Nível das possibilidades de interpretação a partir da fonte*

Seria então essa língua “mistura”, essa “translinguagem” a que constitui o texto da caixa de gorjetas? É o que deixa entrever a estrutura e as condições históricas e sociais a partir das quais se estruturam as práticas linguísticas em Timor-Leste. Nesse sentido, é este o “significado profundo”, do qual fala Panofsky (retomado por PIFANO, 2010) de como se realizam a(s) política(s) linguística(s) nesse país, expresso em apenas um pequeno recado de uma caixa de gorjetas instalada em um restaurante de Díli.

Mesmo admitindo que a fotografia é uma “impressão perceptiva que sempre é, [...] se transfigura numa produção pessoal simbólica” (SAMAIN, 2003, p. 50), a microanálise aqui empregada tem condições de propor que o multilinguismo histórico local, agora reconfigurado em um translinguismo, precisa ser contemplado na elaboração de políticas linguísticas para fazer sentido à sua população. Pois, nas práticas linguísticas cotidianas busca-se desenvolver uma capacidade de se locomover nesse mundo a partir da diversidade. Se há uma língua franca em Timor, essa é o multilinguismo local, presente na paisagem linguística.

## **Conclusão**

A pesquisa que se preocupa com um nível de análise da linguagem por meio das políticas linguísticas pode ser feita a partir de vários olhares. Um deles é a observação da paisagem linguística do contexto pesquisado; local de interação e embate de línguas e/ou variedades linguísticas diferentes, principalmente em regiões multilíngues, como países afetados por processos de colonização. Além disso, um olhar atento sobre artefatos do cotidiano permite a leitura de enunciados nem sempre considerados como fonte legítima de pesquisa, mas imbuídos, a partir de uma análise atenta, de significados simbólicos essenciais para a compreensão da realidade sociolinguística local. Tendo isso em mente, a análise desenvolvida neste texto buscou destacar a riqueza de informações contida em um artefato como uma caixa de gorjetas, e como essa análise, a partir da vivência da pesquisadora em Díli, possibilitou o questionamento sobre a elaboração das políticas linguísticas em Timor-Leste. Para que decisões sobre a língua possam fazer sentido para a população de falantes, sugere-se que a diversidade linguística local seja contemplada e não apenas percebida como um problema.

## **Referências**

- BAKHTIN, Mikhail. *Toward a Philosophy of the Act*. Tradução de Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1993.
- CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2007.

CARNEIRO, Alan Silvio Ribeiro. Política linguística em Timor-Leste: tensões no campo da formação docente. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 14., 2010, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Cifefil, 2010. t. 4, n. 4, p. 3167-3179.

CARNEIRO, Alan Silvio Ribeiro. *Políticas linguísticas e identidades sociais em trânsito: língua(gem) e construção da diferença em Timor-Leste*. 2014. 251 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas. 2014.

DIAS, Christiane da Silva. *É língua oficial de Timor-Leste: quer não quer nós tem (que) falar - reflexões sobre políticas e práticas linguísticas em Díli*. 2015. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2015.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GARCÍA, Ofelia. *Bilingual education in the 21st century: a global perspective*. Malden, MA and Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa eletrônico*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. Versão 1.0. CD-ROM.

HODDER, Ian. Thinking about things differently. In: HODDER, Ian. *Entangled: an archaeology of the relationships between humans and things*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2012. Chap. 1, p. 1-14.

LANDRY, Rodrigue; BOURHIS, Richard. Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality: an empirical study. *Journal of Language and Social Psychology*, Clevedon, v. 16, n. 1, p. 23-49, 1997. Doi: <https://doi.org/10.1177/0261927X9701610>

MACALISTER, John. Language policies, language planning and linguistic landscapes in Timor-Leste. *Language Problems & Language Planning*, Amsterdam, v. 36, n. 1, p. 25-45, 2012.

MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair. Disinventing multilingualism: from monological multilingualism to multilingual francas. In: MARTIN-JONES, Marilyn; BLACKLEDGE, Adrian; CREESE, Angela (ed.). *The Routledge Handbook of Multilingualism*. Routledge: Oxon, 2012. p. 439-453.

MELLO, Antonio Augusto. Política Lingüística en Timor Leste: la implementación de lenguas oficiales en un país multilingüe. In: ENCUESTRO DE LENGUAS ABORIGENES Y EXTRANJERAS, 5., 2005, Salta. *Anales [...]*. Salta: Departamento de Lenguas Modernas de la Universidad Nacional de Salta, 2005.

MENESES, Ulpiano T. A fotografia como documento: Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. *Tempo: Revista do Departamento de História da UFF, Niterói*, v. 7, n. 14, p. 131-151, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

PANOFSKY, Erwin. *Estudios sobre Iconología*. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

PIFANO, Raquel Quinet. História da arte como história das imagens – a iconologia de Erwin Panofsky. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais, Juiz de Fora*, v. 7, n. 3, p. 1-21, set./dez. 2010.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques. (org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 15-38.

SAMAIN, Ettiënne. A antropologia de uma imagem “sem importância”. *Ilha: Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 47-64, jul. 2003.

SILVA, Kelly Cristiane da. *As nações desunidas: práticas da ONU e a estruturação do Estado em Timor-Leste*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TIMOR-LESTE. *Constituição da República Democrática de Timor-Leste*. Díli: Assembleia Constituinte, 2002. Disponível em: <http://timor.no.sapo.pt/constibase.html>. Acesso em: outubro de 2023.

Recebido em 28 de outubro de 2023.

Aprovado em 15 de novembro de 2023.

## **Resumo/Abstract**

### **A paisagem linguística como fonte de pesquisa em políticas linguísticas – mirar o olhar**

**Christiane da Silva Dias**

Neste artigo proponho um debate, a partir da noção de paisagem linguística (LANDRY; BOURHIS, 1997), sobre políticas linguísticas em contextos multilíngues como Timor-Leste. A partir de um artefato comumente considerado banal, mas atenta ao que ele enuncia (HODDER, 2012), expando esse olhar para o cenário macro, por meio de uma conexão com a realidade sociolinguística da região e um debate em torno. Sugiro que a compreensão das políticas linguísticas urge um debate interdisciplinar, que repense a categorização de “problema a ser solucionado” e considere em suas formulações a rica diversidade da prática social local.

**Palavras-chave:** artefato, paisagem linguística, política linguística, Timor-Leste.

### **The linguistic landscape as a research source in language policy – taking a closer look**

**Christiane da Silva Dias**

In this paper, I present a discussion based on the concept of linguistic landscape (LANDRY; BOURHIS, 1997) on language policies in multilingual environments, such as East Timor. Starting from an artefact that is commonly seen as trivial, but with an eye to what it enunciates (HODDER, 2012), I expand this view to the macro scenario through a link with the sociolinguistic reality of the region and a debate that surrounds it. I suggest that understanding language policies requires an interdisciplinary discussion that reconsiders the categorization of local multilingual and translanguing practices as a “problem to be solved” and considers the rich diversity of local social practice in its design.

**Keywords:** artefact, linguistic landscape, language policy, East Timor.